



TERRITÓRIO E CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DA AVICULTURA DE CORTE: da difusão acelerada dos eventos ao uso seletivo do espaço

Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Federal da Paraíba

Anieres Barbosa da Silva
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Diante da ordem técnica, política, econômica e social que passou a racionalizar o espaço geográfico no período de globalização, a feição do território é indicativa dos avanços do modo de produção capitalista nas diferentes direções do espaço e nas diversas cenas territoriais. A proeminência da difusão e da profusão dos eventos em escala planetária, que se estabeleceu neste momento de nossa história, se por um lado resultou no alargamento dos contextos espaciais a partir das dinâmicas dos circuitos espaciais produtivos, por outro condicionou um processo de territorialização consubstanciado em um arranjo sistêmico de objetos e ações que difere territórios e se diferencia no território. Neste contexto, perante as diferentes formas, pelas quais os territórios são atingidos no tempo e no espaço pela racionalidade global, constituiu-se uma rede de relações desenhada pela valorização das possibilidades naturais e artificiais dos lugares e expressa pela configuração de um acontecer hierárquico. Dessa situação, deriva a necessidade analítica de entender o território no curso da globalização como a síntese, por vezes contraditória, entre a razão local e a totalidade global que entram em coalizão a partir do paradigma atual do modo de produção capitalista. É no cerne desse debate, que nos propomos neste trabalho a apresentar uma abordagem acerca do paradoxo que envolve a difusão acelerada dos eventos e o uso seletivo do espaço, como produto e condicionante da cisão da totalidade global com as diferentes cenas territoriais.

Palavras-chave: Território; globalização; circuito espacial produtivo; evento.

TERRITORY AND SPATIAL PRODUCTIVE CIRCUIT OF POULTRY PRODUCTION: from quick diffusion of events to selective use of space

Abstract

Before the technical, political, economic and social order which started to rationalize geographic space in the globalization period, the territorial feature is denotative of advances in the forms of capitalistic production in different directions of space and among several territorial scenarios. The prominence of diffusion and profusion of events in planetary scale, now established in this very moment of our history, in one hand resulted in an enlargement of spatial contexts parting from the dynamics of productive spatial circuits, but on the other has conditioned a process of territorialization, consolidated in a systemic arrangement of objects and actions that differ territories and differentiate itself in the territory. In this context, before different forms in which territories are hit by time and space by the global rationality, it has constituted a network of relations designed by the appreciation of natural and artificial possibilities from places, expressed by a configuration of hierarchic happenings. From this situation, it derives the analytic necessity of understanding the territory on the course of a globalization which, even being sometimes contradictory, between local reasons and the global totality which collide from the actual paradigms concerning the means of capitalistic production. Such is the core of this work, which proposes an approach between the paradox involving the quick diffusion of events and the selective use of space, as a product and condition of a split of global totality with the different territorial scenarios.

Keywords: Territory, Globalization, Productive Spatial Circuit, Event.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de reflexões teóricas e interpretações analíticas tecidas durante o processo de elaboração de um produto dissertativo, no qual estão sendo discutidas as dinâmicas territoriais e as interações espaciais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, a partir da reestruturação produtiva promovida pelo monopólio do capital industrial.

Para este artigo, o nosso propósito é apresentar uma abordagem sobre o paradoxo que envolve a difusão acelerada dos eventos e o uso seletivo do espaço, como produto e condicionante da cisão da totalidade global com as diferentes cenas territoriais. Para isto, tomaremos como referência um evento, o monopólio do capital industrial no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, e um território, o município de Pocinhos (PB), a fim de compreender no cerne de uma situação concreta como os eventos diferem territórios e se diferenciam no território.

No período de globalização, a difusão dos eventos econômicos é ilustrativa do movimento dialético que confronta o discurso da unicidade da técnica, da convergência dos momentos e da mundialização (SANTOS, 1994), com a forma variável com que os sistemas de objetos e ações inerentes a uma ordem produtiva se distribuem pelo espaço. Neste cenário, o território se reveste de novos elementos constitutivos, de modo que seu conteúdo e os seus contornos não se explicam pela separação da situação geográfica local e da racionalidade global. Entender o território no curso do atual período consiste, portanto, em percebê-lo como a síntese, por vezes contraditória, da ordem global e da razão local, que entram em coalizão a partir do paradigma atual do modo de produção capitalista.

De forma genérica, a difusão do capital industrial nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte consiste em um evento que alcança múltiplas modalidades de combinações ao se materializar nas diversas e adversas situações geográficas postas nos territórios. No que concerne à observância da difusão do capital industrial no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos (PB), ocasionada pela monopolização do território pela Agroindústria Cialne, é possível perceber a forma assimétrica como esse evento percorre o espaço e usa os territórios, de acordo com a mediação de uma lógica que é global e de uma força que é local.

O município de Pocinhos (PB), que nesta discussão corresponde ao território no qual se observa a dimensão das oscilações e sincronias do movimento global ao curso de uma razão local, localiza-se na mesorregião do Agreste paraibano e na microrregião do Curimataú Ocidental. Com área equivalente a 628,084 Km², possui uma população de 17.032 habitantes, segundo dados do IBGE (2010). Historicamente associado a uma economia fundamentada na agropecuária tradicional, que teve como base a atividade sisaleira, o município, nos últimos quinze anos, tornou-se palco de lógicas capitalistas determinadas pela atuação de grupos econômicos e pela inserção destes no circuito espacial produtivo da avicultura de corte.

Para dar conta da discussão em pauta, além desta introdução e das considerações finais, o texto encontra-se organizado em três partes. Na primeira, discorreremos acerca dos novos usos do território no contexto da globalização. Em seguida, apresentamos as principais concepções de circuito espacial produtivo e de círculos de cooperação. E por fim, nossa análise se volta para a difusão do capital industrial no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos (PB), e para as condições e espessuras da cisão da totalidade global com o território.

Novos usos do território à luz do período de globalização: a difusão dos eventos e as diferentes cenas territoriais

Ao tecer considerações sobre o território, Silveira (2011) considera que nos diferentes contextos de nossa história evolutiva há uma combinação de condições técnicas e políticas que produz, a um só tempo, as forças de concentração e dispersão que resultam nas redefinições dos limites e conteúdos dos territórios.

Neste sentido, “um período histórico pode ser reconhecido por uma dada feição do território ou, em outras palavras, pela existência de uma base técnica e de uma organização da vida política, econômica e social” (SILVEIRA, 2011, p.04).

Diante da ordem técnica, política, econômica e social que passou a racionalizar o espaço geográfico na globalização, a feição do território é indicativa dos avanços do modo de produção capitalista nas diferentes direções do espaço e nas diversas cenas territoriais. Um processo, cuja gênese reside no paradoxo que envolve a dimensão planetária do discurso da unidade e a centralização econômica e concentração espacial dos eventos econômicos que tanto geram como se apropriam das possibilidades territoriais.

Dessa maneira, ao passo em que a deliberação desenfreada das deslocizações e realocizações dos eventos econômicos em diversas escalas tornou-se o esboço espacial da reprodução do capital, tornou-se também um processo altamente regulado pela disposição dos sistemas técnico-científicos e político-normativos que se distribuem de forma desigual pelo espaço. Nessa condição, a combinação contraditória de forças que integram e que excluem contextos espaciais dos processos produtivos na globalização fez do território o produto de uma totalidade global e de uma razão local, cuja intensidade e complexidade de sua cisão geram os vetores de atuação de cada lugar nas relações econômicas hierárquicas do sistema mundo.

Conforme esse raciocínio, em cada território, em diferentes momentos ou em momentos convergentes, os eventos econômicos se apropriam de determinados fatores naturais e/ou artificiais que servem de pilares de sustentação para a territorialização de uma ou de várias funções da divisão territorial do trabalho. Assim, da mesma forma que eventos econômicos, como o monopólio do capital industrial, diferenciam territórios, se diferenciam também nos territórios, pois, antes de tudo correspondem à cisão de uma materialidade existente com uma nova racionalidade que tenta criar a sua própria materialidade.

Para Santos (SANTOS, 2006), a globalização consiste em um conjunto de possibilidades, cuja efetividade depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. Neste contexto, normas globais e formas locais tanto se associam como se defrontam, de modo que não existe um espaço global, mas apenas espaços da globalização.

Na visão de Souza (1998) a globalização, em essência, aparece de forma articulada a processos de fragmentação nas formações territoriais, e é neste contexto que o território se expressa pela conjugação do mundo e do local não apenas como frações do espaço que se atraem instantaneamente, mas como extremos intermediados por uma imensidão de fluxos que conduzem o nível e a extensão da mobilidade das territorialidades criadas.

Ante essa condição do território no período de globalização, Santos (1998) propõe o uso, e não o território em si, como objeto de análise social. No cerne do enfoque analítico dessa categoria de análise, “o território usado, visto como uma totalidade, é um campo privilegiado para análise na medida em que, de um lado,

nos revela a estrutura global da sociedade e, de outro lado, a própria complexidade do seu uso” (SANTOS, 2000, p. 09).

Nessa perspectiva, não são só as formas que caracterizam o território, mas, também, os objetos e as ações que se associam a uma gama de relações econômicas complementares, contraditórias e interescares, de modo que sua centralidade passa pela coexistência de um espaço onde existem objetos, atores e ações pré-dispostas, que atuam engendradas a uma racionalidade externa. Dessa forma, há, na análise territorial, a necessidade de identificar os diferentes níveis de inserção dos territórios em uma rede de relações em que o global se constitui como norma de uso para os sistemas locais, e estes por sua vez, fazem do território uma norma para o exercício das ações desterritorializadas (SANTOS, 2006).

Visto desse horizonte de análise, o território usado, pensado através daqueles que usam as relações de produção dentro de uma determinada sociedade, onde o uso – intrinsecamente relacionado às formas de apropriação espacial do modo de produção é o principal elemento definidor do território – é tido como social, ao passo em que é tanto produto de uma materialidade histórica construída pelo trabalho humano, como também um cenário prospectivo às novas e constantes transformações. Perante a descarga variável e desigual das forças globais sobre as formas territoriais, “o território usado é, assim, uma arena onde fatores de todas as ordens, independentemente da sua força, apesar de sua força desigual, contribuem à geração de situações” (SILVEIRA, 2011, p. 05).

Essas situações, ou esses eventos, dispostos em arranjos técnicos e organizacionais diferentes, são partes de uma totalidade em movimento que elenca os lugares a partir de um saber-fazer ancorado num dado arranjo de objetos destinados à produção, como ressaltado por Santos (2006). É a espacialização dos saberes-fazer e das ações e movimentos que lhes dão sustentação, que qualifica o uso do território.

Nestas condições, com o acirramento da concorrência territorial que rege a instalação das coisas e a realização das ações, a valorização de uma área é, conseqüentemente, a desvalorização de outra. Neste jogo de forças, quanto maior a densidade técnica, maior a subordinação à lógica global e quanto maior a circulação, maior a especialização nos lugares (GALLI, 2008).

O sentido das transformações nos usos do território, nesse cenário, consta de novas realidades fomentadas na universalização das relações de produção, cuja essência contraditoriamente combina a capacidade móbil, em escala global, de determinados fatores da produção, à sua desigual distribuição pelo espaço geográfico. De tal forma, a difusão dos eventos em escala mundial é dada em ritmo acelerado, porém, o sentido e as direções de sua territorialização ocorre sob velocidades reguladas. Isso porque, embora se difundam em uma celeridade jamais vista na história, os eventos econômicos, enquanto vetores de possibilidades instaladas ou a virem se instalar numa dada formação

socioespacial, tem a sua territorialização norteada por um conjunto de ações, relações e normas presentes no território.

Para Santos (2006, p. 97):

Os eventos não se dão isoladamente, mas, em conjuntos sistêmicos verdadeiras "situações" – que são cada vez mais objeto de organização: na sua instalação, no seu funcionamento e no respectivo controle e regulação. Dessa organização vão depender, ao mesmo tempo, a duração e a amplitude do evento. Do nível da organização depende a escala de sua regulação e a incidência sobre a área de ocorrência do evento.

Aonde se instalam, os eventos mudam as coisas e transformam os objetos dando-lhes ali mesmo, no território, novas características (SANTOS, 2006). Assim como possuem uma difusão acelerada e desigual, os eventos (onde se territorializam) produzem mutações sócio-territoriais com diferentes níveis de intensidade e complexidade. Isso se deve ao fato de que cada processo de territorialização clarifica no território a natureza particular dos seus sistemas materiais e imateriais, a sua prospecção ao desempenho da função produtiva a ser desempenhada, e a eficácia de sua adaptação à nova ação a ser instalada.

Desse modo, entre a difusão e a territorialização dos eventos é preciso considerar os novos usos do território a partir das díspares formas como ocorre à transferência de conteúdos materiais e imateriais da escala global para a escala local, de acordo com as diferentes oportunidades presentes nas diferentes cenas territoriais para o desenvolvimento das possibilidades da globalização.

Neste sentido, quando o propósito é entender a difusão do capital industrial no circuito espacial produtivo da avicultura de corte e as diferentes nuances que este evento assume nas diversas cenas territoriais, é importante frisar que embora forjado na mesma racionalidade (da ampliação e acumulação do capital; da supremacia dos objetos técnico-científicos; da extensão das relações e interações espaciais), a sua presença e uso em determinados territórios se faz conforme um conjunto sistemático de fatores que resultam tanto da força de realização deste evento, como das oportunidades de cada território para cristalizar as ações e relações inerentes ao processo produtivo.

Toda essa conjuntura serve à compreensão de que a difusão acelerada dos eventos se dá através de um uso seletivo e efetivo do espaço, de modo que as desigualdades se evidenciam não apenas pela apropriação contraditória do espaço, mas, também, pelos usos diferenciados, pelos quais um mesmo evento produz e usa os territórios.

Os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação no espaço: uma breve discussão

Com o exponencial aumento dos fluxos materiais e imateriais circunscritos na gradativa mundialização da produção, da prestação de serviços e do consumo (CASTILLO; FREDERICO, 2010), a realidade do território se configura a partir de uma trama espacial onde a fragmentação é, ao mesmo tempo, a força vital dos processos de articulação e a face da desigual inserção dos contextos espaciais nos setores e circuitos econômicos.

O exorbitante aumento dos fluxos materiais e informacionais que tendenciosamente distanciou os locais de produção dos locais de consumo, inferindo complexidade na distribuição espacial das atividades econômicas e, conseqüentemente, nas articulações entre as etapas, os sujeitos, e os lugares (CASTILLO; FREDERICO, 2010), projetou no debate geográfico os conceitos de circuito espacial produtivo e de círculos de cooperação.

Para Santos (1988), os circuitos espaciais da produção correspondem às diversas etapas pelas quais perpassam um produto, desde o começo do processo de produção até o seu destino final, o consumo. Nesta linha de raciocínio, os circuitos espaciais correspondem à circulação da matéria, enquanto que os círculos de cooperação representam a circulação de informações, ordens e normas que servem ao funcionamento de um determinado circuito de produção, sendo, portanto, a sua face imaterial.

De acordo com Frederico e Castillo (2004, p. 237):

Os Circuitos Espaciais Produtivos pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instancias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto num movimento permanente; os Círculos de Cooperação no espaço, por sua vez, tratam da comunicação consubstanciada na transferência de capitais, ordens e informação (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, especialmente segmentadas da produção.

Neste sentido, a configuração dos circuitos espaciais produtivos está associada a uma base material, a produção, que a partir das redes técnicas materiais e imateriais ordena o organograma das etapas subsequentes, a distribuição e o consumo. Assim, operacionaliza um conjunto de instâncias produtivas e envolve diversas empresas e ramos em um sistema de unidade, que se movimenta de forma interdependente na prospecção da extração e acumulação da mais-valia.

A origem da noção de circuito espacial da produção, segundo Castillo e Frederico (2010), reside nas ideias de Marx (2008) acerca da unidade contraditória entre a produção, a distribuição, a troca e o consumo. Diante do raciocínio de Marx (2008), a produção não se limitaria ao seu processo em si, sendo parte integrante de uma totalidade que envolveria também distribuição-troca-consumo.

Embora não pressuponha a ideia de circuito, Marx edifica uma perspectiva que considera a existência de uma interdependência entre a produção, a instância primária, e o consumo (o destino final), excluindo um, ante a inexistência do outro. Desta forma, há um destaque para o papel da circulação na articulação das diferentes etapas de um mesmo processo produtivo.

Nos anos de 1970, a aproximação mais direta até então apresentada entre as relações de interdependência entre os processos produtivos e a ideia de circuito, ganha relevo no contexto do projeto “MORVEN: Metodologia para o Diagnóstico Regional”, desenvolvido pelo Centro de Estudios del Desarrollo (CENDES) da Universidade Central da Venezuela.

Para Santos (1986), um dos interlocutores dessa categoria no Brasil, esse projeto tinha como objetivo o estudo das segmentações dos espaços nacionais e a ação dos diferentes agentes produtivos sobre o espaço nos países de terceiro mundo. No âmbito das discussões apresentadas no projeto MORVEN, Santos (1986) citando Barrios (1976), chama atenção para o fato de cada contexto histórico envolver práticas econômicas, que passam a compreender um conjunto de ações sociais voltadas para a produção, a distribuição e o consumo de meios materiais, o que colabora para o desenvolvimento de um movimento sincrônico.

Outros aspectos inferidos por Barrios (1976) e salientados por Santos, dizem respeito às inter-relações que se estabelecem em um ciclo produtivo como um todo, desde a matéria-prima até a fase final, passando neste meio termo por todos os processos de comercialização e financiamento, de modo que:

Uma matéria-prima qualquer, cujo circuito seria então formado pelos seus produtos, pelos seus transformadores em sucessivos produtos manufaturados (que participam da etapa seguinte, como insumo, até a fase do consumo final), incorporando todos os processos de comercialização e financiamento (BARRIOS, 1976 apud SANTOS, 1986, p.121).

Nesta linha de pensamento, cada etapa da produção estaria intimamente relacionada aos seus processos subsequentes, comercialização e financiamento, evidenciando, assim, as múltiplas relações presentes entre os agentes que participam de sua totalidade. Conforme essa perspectiva, o entendimento de um processo produtivo não poderia está limitado ao espaço da produção, sendo,

portanto, necessário à observância do emaranhado de ações e relações que transcendiam as escalas regionais e, por vezes, as nacionais.

No âmbito do pensamento de Santos (1988), a prospecção analítica acerca dos circuitos espaciais produtivos se fortalece na medida em que a difusão dos sistemas técnico-científicos e informacionais, e o conseqüente realinhamento da extensão e da complexidade dos processos produtivos na ordem global, edificou a necessidade de expandir a análise territorial para além da perspectiva regional.

Neste linear, a configuração de novas interações em escala planetária fez das regiões múltiplas e distintas versões da globalização, onde as suas dimensões principais não residem somente em seus limites geográficos, mas, sobretudo, na extensão dos circuitos espaciais produtivos e de seus círculos de cooperação.

Na concepção de Frederico e Castillo (2004), os circuitos produtivos possuem fluxos de diversas naturezas, direções e intensidades que se dão conforme os produtos, as formas produtivas, a organização espacial preexistente e os impulsos políticos. Desse modo, os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação, juntos, buscam dar conta das relações entre mobilidade geográfica, configuração territorial e condições históricas do capitalismo atual (FREDERICO; CASTILLO, 2004).

No período de globalização, os circuitos espaciais produtivos tornaram-se relevantes na medida em que se busca entender o uso diferenciado dos territórios pelas empresas, instituições e agentes, que coordenam uma trama de relações cada vez mais complexas e multidimensionais inseridas em um acontecer hierárquico.

Na concepção de Santos (2005), o acontecer hierárquico está relacionado com o processo de racionalização das atividades, e se faz sob um comando e uma organização que tendem a ser concentrados. Trata-se, pois, da relação de subordinação que se exerce entre os lugares conforme a eleição de áreas como centros difusores de ordens e informações, e a conseqüente seleção de outras áreas como centros receptores.

Logo, no contexto da globalização, a estruturação do acontecer hierárquico em uma rede de relações descontínuas no tempo e no espaço, e a proeminência de suas possibilidades de ditar funcionalidades e normas aos processos produtivos no alcance do par global-local, fez dos territórios selecionados para instalação dos circuitos espaciais produtivos hegemônicos, os propulsores dos novos padrões técnicos, normativos e organizacionais, e os centros difusores da lógica de subordinação que recai sobre outros territórios.

A condição dos territórios nos interstícios do acontecer hierárquico tem a ver com a forma variável com que o mundo se instala nos lugares de acordo com a convergência ou a divergência de interesses do modo de produção capitalista. Nessa medida, no âmbito dos circuitos espaciais produtivos, nos parece certo pensar que a espessura da totalidade global no território é dada através de uma relação de interdependência, em que as possibilidades de transformação,

permanências e inércia comparecem nas cenas territoriais como produto e condicionante da coalizão entre a ordem global e a razão local.

A difusão do capital industrial no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos-PB: a cisão da totalidade global com o território

O território é uma trama espacial complexa que vai sendo construída e reconstruída através de um conjunto de práticas econômicas, sociais, políticas e técnicas que servem ao domínio de uma racionalidade hegemônica. No atual período de globalização as condições, as circunstâncias e as velocidades com que essas práticas incidem e envolvem os usos do território não devem ser vistas somente no contexto da lógica universal, mas, sobretudo, através da dialética que transforma a unidade em diferenças, e que combina mudanças e permanências.

Neste contexto, deve-se levar em conta o sentido desigual da ordem unitária criada e dissipada pela totalidade global na difusão dos eventos, onde a unidade é o principal vetor da diferença. Ao percorrer o espaço geográfico, essa unidade (os sistemas técnicos, normativos e operacionais) é esfarelada perante as diferenças territoriais que são determinadas não só pela existência presente de fatores naturais e artificiais, mas, também, pela capacidade variável dos agentes, que nesses espaços são tidos como hegemônicos, de criar as condições necessárias para aproximar a totalidade global da totalidade particular.

Neste jogo de coexistências, entender a difusão dos eventos nos circuitos espaciais produtivos é uma atividade que nos remonta, inicialmente, a considerar a conjugação de uma totalidade singular, a realidade do circuito espacial produtivo em si e do território no qual está inserido, a outra totalidade, a racionalidade global.

Neste sentido, não podemos pensar o uso e a organização do território sem pensar o nível, as condições e a espessura de sua sujeição à realidade em sua integridade, que segundo Santos (2006) se apresenta como totalidade universal/global. De acordo com Santos (2006, p.74):

Todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes [...] Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. Tais funções se realizam onde as condições de instalação se apresentam como melhores. Mas essas áreas geográficas de realização concreta da totalidade social têm papel exclusivamente funcional, enquanto as mudanças são

globais e estruturais e abrangem a sociedade total, isto é, o mundo, ou a formação socioeconômica.

Dessa forma, a totalidade é uma realidade fugaz, que está sempre se desfazendo e se refazendo em outras totalidades (SANTOS, 2006) que se configuram, por sua vez, como particularidades que se desintegram do todo e se espacializam nos lugares conforme a conveniência da disposição dos objetos técnicos e científicos.

A propósito dos circuitos espaciais produtivos, Arroyo (2008) chama atenção para o fato de existirem circuitos altamente influenciados por uma lógica global, enquanto outros começam e terminam num único subespaço. Assim, constituem totalidades diversas e distintas que diferem em dimensão, complexidade, intensidade e, sobretudo, pela forma como se concretizam na totalidade global.

No que concerne à evolução, a configuração e a expansão dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte no Brasil, o impacto da totalidade global foi responsável por profundas mudanças produtivas e organizacionais, que têm a ver com a rápida e contínua introdução de vetores técnicos, científicos e informacionais. Esse processo de reestruturação produtiva, que segundo Elias (2006) consiste nas novas possibilidades de acumulação do capital, notadamente favoreceu a ação dos grandes agentes hegemônicos.

Contudo, se por um lado a reestruturação produtiva na avicultura de corte favoreceu a atuação dos circuitos espaciais de melhor estrutura técnica-normativa, corroborando para oligopolização do mercado avícola, por outro, permitiu a atuação paralela de circuitos produtivos de menor expressão econômica e complexidade técnica, o que possibilitou um alcance territorial ainda mais dinâmico para atividade.

Dessa forma, na medida em que a unidade, a totalidade global, corroborou para intensificação das modernizações, da ampliação das relações capitalistas e da cada vez mais expressiva dissociação geográfica dos sistemas de produção da avicultura, dando centralidade aos circuitos hegemônicos, também contribuiu para o estabelecimento de circuitos produtivos menores, que se manifestam através de arranjos institucionais do poder estabelecidos por pequenas empresas, que se apropriam de territórios que possam servir as suas lógicas de produção e de circulação no espaço.

É dessa flexibilidade que emerge o circuito espacial produtivo da avicultura de corte aqui analisado. Instituído no final da década de 1990, através do estabelecimento do arranjo produtivo da empresa avícola Azeven, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte surge com dimensões territoriais, técnicas, produtivas e organizacionais pouco dinamizadas, o que se explica pelas possibilidades competitivas limitadas da empresa coordenadora.

A Azeven, empresa paraibana de pequeno porte que se localizava no município de Montadas (PB), coordenou o circuito espacial produtivo da avicultura de corte até agosto de 2014, período em que ocorre a difusão do capital industrial a partir da

atuação da Agroindústria Cialne. Enquanto exerceu o seu domínio no circuito espacial produtivo, a Azeven fez do município de Pocinhos (PB) a área de produção agropecuária, e do estado da Paraíba, o espaço de circulação dos fluxos da produção.

Com essa configuração territorial e diante do baixo nível de complexidade dos fatores competitivos, organizacionais e técnicos impostos pela coordenação da Azeven, as condições e a espessura da cisão da totalidade global com o território caracterizaram-se pelo distanciamento da realidade local dos vetores de modernização propagados pela racionalidade global.

Todavia, com a difusão do capital industrial em 2014, o realinhamento desses fatores em uma nova escala espacial, técnica e econômica criou novos níveis de aproximação entre a razão local e a totalidade global, o que redefiniu a cisão dos vetores da globalização com o território.

A difusão do capital industrial no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos (PB) se deu a partir da atuação da Agroindústria Cialne, que passou a exercer o seu domínio em 2014, quando através de um contrato de arrendamento firmado com a empresa Azeven tornou-se o agente hegemônico neste arranjo produtivo. Em termos gerais, a participação da Cialne e a monopolização do território pelo capital industrial resultaram no alargamento da divisão territorial do trabalho e em níveis mais elevados de solidarização entre as etapas produtivas, os agentes econômicos e os territórios.

Neste sentido, a dilatação do espaço de cooperação privilegiou movimentos concorrenciais na região Nordeste, o que significou a ruptura da escala local e a apropriação da escala regional. O município de Pocinhos (PB) permaneceu como a área de produção agropecuária, e como a cena que representa a materialização dos vetores inerentes à tipologia das ações e relações estabelecidas pela lógica produtiva e por toda a sua rede inter-relações.

Quando se trata da difusão do capital industrial nos circuitos produtivos da avicultura de corte, é preciso considerar que esse processo tem sido intenso e contínuo, mas também extremamente irregular no tempo e no espaço. Disseminado através de duas formas, pela territorialização propriamente dita e pela monopolização do território, tem percorrido o espaço de forma altamente seletiva e usado os territórios de formas diferentes, o que revela os descompassos gerados entre uma norma que é global (a expansão e intensificação do modo agroindustrial de produção), e uma força que é local (as possibilidades particulares de cada território de acomodar os vetores de modernização).

Nestes termos, a difusão desse evento privilegiou áreas e segmentos sociais, acarretando profundos impactos sociais e territoriais. Por ser altamente dependente da instalação de conteúdos técnicos científicos e informacionais, passou a privilegiar agentes e lugares que concentram o capital, criando, assim, assimetrias nos territórios e no território, o que resulta em diversas e distintas espessuras para a cisão da totalidade global com a razão local.

No circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos (PB), a difusão do capital industrial combinou tendências gerais do modo agroindustrial de produção e aspectos particulares que são inerentes à dinâmica do território local. A área de produção agropecuária, por ser composta predominantemente por pequenos produtores rurais que participam do circuito através do sistema de integração com a Agroindústria, não concentra o grande capital, e conseqüentemente, não dispõem das maiores forças de captação dos conteúdos técnicos, científicos e informacionais. Neste sentido, o monopólio do capital industrial se caracterizou pela mensuração de elementos fixos e fluxos que representam a acomodação dos novos vetores técnicos, produtivos e organizacionais na situação geográfica local.

Entre as tendências que estão no cerne da produção avícola industrial e que foram incorporadas na realidade do circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos (PB), o melhoramento genético, a modernização das relações contratuais, os incentivos ao aprimoramento da base técnica e a amplitude mercadológica estão no bojo de uma reestruturação produtiva, que tem como determinante a configuração de um novo e mais amplo espaço de circulação.

Conforme aponta Santos (2006), no curso atual de nossa história a circulação prevalece sobre a produção propriamente dita e os fluxos se tornaram mais importantes ainda para a explicação de uma determinada situação. Desta forma, “o próprio padrão geográfico é definido pela circulação, já que esta, mais numerosa, mais densa, mais extensa, detém o comando das mudanças de valor no espaço” (SANTOS, 2006, p. 181).

Concordantes com esse pensamento, acreditamos que a extensão da circulação do circuito espacial produtivo da avicultura de corte, que passou de manifestações regionais dentro do estado da Paraíba para manifestações regionais nos interstícios da região Nordeste, representou uma maior sincronia com o movimento global. Com efeito, a extensão da circulação demandou uma renovação técnica um tanto mais significativa, que prima não só pela equivalência dos montantes produzidos e distribuídos, mas também pela necessária aceleração dos fluxos.

Nessas condições, o aumento das forças de racionalização do território pelos incisivos do modo global da produção promoveu a conformação de uma nova espessura da cisão da totalidade global com o território. Essa nova espessura não se dá no sentido do estabelecimento direto de uma relação global-local, mas no âmbito da transferência do processo circulatório da escala local para a escala regional e de suas respectivas imposições técnicas, normativas e organizacionais ao padrão geográfico do território.

Dessa forma, em virtude dos aspectos apresentados, é possível perceber que a difusão desse evento, o capital industrial, nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte se caracteriza por um uso seletivo do espaço e por um uso específico do território. Nestas condições, o seu impacto em cada situação geográfica ocorre com intensidades, velocidades e complexidades diferentes, o

que resulta em diferentes espessuras para a cisão da totalidade global com o território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual período de globalização, quanto mais acelerada é a difusão dos eventos, mais seletiva é a sua territorialização. Em uma relação em que prevalece à associação das possibilidades de realização dos processos produtivos com as oportunidades oferecidas pelos lugares, a configuração da totalidade global pesa diferentemente nos usos, na organização e na articulação dos territórios.

A despeito da difusão do capital industrial no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos (PB), percebe-se que a difusão deste evento corroborou para uma maior aproximação da totalidade global com o território, sobretudo no que concerne as formas de produzir e organizar a produção. Isso porque, a instalação de um evento como este, embora não incida nos territórios com a mesma intensidade, não se dá sem a implementação de um sistema de normas que busca adequar e transformar os sistemas de objetos e sistemas de ações.

Uma das características do modo global de produção, a proeminência da circulação sob a produção, fez da dimensão e da complexidade do processo circulatório dos circuitos espaciais produtivos o fio condutor dos usos do território e o eixo de estruturação da espessura da cisão da totalidade global com o território. Neste sentido, à expansão da circularidade no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, a partir da difusão do capital industrial, promoveu o alargamento dos contextos e criou novas possibilidades de aproximação com os vetores produtivos e organizacionais da totalidade global.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde Diplomatique Brasil**, n. 15, p. 30-31, 2008.

CASTILLO, R; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 461-474, 2010.

ELIAS, D. Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 9, n. 8, p. 29-51, 2006.

FREDERICO, S; CASTILLO, R. Circuito espacial produtivo do café e competitividade territorial no Brasil. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. X, n. 3, p. 236-241, 2004.

GALLI, Telma Batalioti. Novos usos do território brasileiro à luz do período e a constituição de novas fronteiras. **X Colóquio Internacional de Geocrítica**, Barcelona, 2008.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, p. 121-134, 1986.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, p. 15-20, 1998.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. O Papel Ativo da Geografia: um manifesto. **XII Encontro Nacional de Geógrafos**. Florianópolis, Julho de 2000.

SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL: Observatório Social de América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA, M. A. A. Geografias da desigualdade: globalização e fragmentação. In: **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, p.21-28, 1998.

SILVEIRA, M. L. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**, Bauru, v.15, n. 1, p. 04-12, 2011.

Contato com o autor: Maria Marta dos Santos Buriti <martaburitigeo@gmail.com>

Recebido em: 07/06/2016

Aprovado em: 29/07/2016